

# Depois também florescem

Este texto resultou de uma troca de emails entre Luísa Soares de Oliveira e Cristina Ataíde durante a preparação da exposição

Luísa Soares de Oliveira: Ao pensar nas peças que vais expor, e também nos desenhos e fotografias que me mostraste no atelier, mais uma vez, mas de forma diferente, o teu trabalho tem a ver com as contaminações possíveis entre vários domínios que, na nossa cultura, costumam existir isolados: o animal, o vegetal, o mineral, a arte, o humano.

Penso sobretudo nas esculturas que mostraste na última feira de Lisboa - os troncos ocos que pareciam torsos masculinos, e também na peça que vais mostrar no Pavilhão Branco: troncos que parecem mortos mas que estão vivos, elementos da natureza que acabam por ser também arte. Que te sugere isto?

Cristina Ataíde: Tudo tem a ver com o VER. Ver com atenção. Deixar-se seduzir com o que nos rodeia. Testar os limites da nossa percepção.

Como podemos entrar dentro das coisas, através da visão? Transportar-mo-nos para o interior delas? Contaminar-mo-nos por elas...tornar-mo-nos nelas próprias? E elas, conseguem sentir-nos? Conseguem comunicar connosco, incorporar-nos?

Eu posso ser asa, posso ser nuvem, posso ser céu, ou lagartixa, toupeira, formiga. Semente que luta com os torrões de terra húmida, os afasta para passar, para subir, subir até à luz e fazer-me planta.

Círculos imparáveis - animal - vegetal - mineral - humano - vegetal - vida - animal - mineral - morte - humano - vegetal - vida - etc. etc...repetitivo...circular...sem fim.....Uno.

E os troncos ocos? ou corpos? ou peles? peles que podem ser vestidas, peles que esperam os corpos em deriva.

E os galhos? Os galhos estão suspensos. Não estão mortos, estão vivos, mas precisam ser tratados, cuidados, acarinhados. Se não forem envoltos em algodão e

regados, morrem. Têm que ser cuidados para abrolharem, para florescerem, para viverem.

L. S. O. A questão do ver com atenção é muito interessante. Interessante porque, em primeiro lugar, tudo no nosso dia-a-dia nos leva a ver desatentamente. Quer dizer, a multiplicidade de imagens que nos rodeiam são na maior parte das vezes consideradas como o veículo de uma mensagem que as precede e que, na cultura ocidental, possui maior prestígio do que a imagem em si. Veja-se o caso da publicidade, onde tudo é feito para, sem esforço, para o espectador (a tal questão do ver com atenção de que falavas), passar a mensagem do produto que se pretende vender. Claro que esse produto pode também ser uma pessoa, um político, por exemplo. Assim, todas as imagens se subordinariam a uma economia que acaba por as minorizar perante as ideias.

A tua postura parece ser outra; na tua obra, as imagens (ou os objectos, que acabam também por surgir como imagens para nós) possuem um valor intrínseco que à partida desestabiliza o sentido que alguém lhes possa querer atribuir. Um tronco é um corpo é uma pele é uma película de bronze. Ver com atenção, como resultado da vontade do espectador, pode hoje parecer tão estranho como, por exemplo, acreditar que a matéria nos pode ver a nós. É que ver com atenção, hoje, é o resultado de técnicas bem definidas (a caixa escura da sala de cinema, por exemplo...) e nunca, ou quase, o produto da vontade.

O que me leva à linha de reflexão seguinte, esta provocada imediatamente por um dos vídeos que vais mostrar: a natureza é moldada por um olhar, e ela só existe na medida em que a podemos olhar. A ideia de natureza está portanto, contaminada à partida com a presença do humano, bem ao contrário do que românticos e neo-românticos alguma vez imaginaram.

C. A Pegando nesta ideia do vídeo e na ideia de paisagem moldada pelo olhar, do meu olhar, então quero

perverter esta ideia de visão. Visão da paisagem, paisagem que existe porque é vista.

Mas que paisagem é esta que fica quando a visão desaparece? Quando cegamos ou quando simplesmente a noite vem? O que fica da paisagem? Durante a noite há paisagem? Aí, o meu corpo funde-se com a câmara de vídeo, ficamos um só e é o tacto e a audição que nos guiam. É outro sentido que aparece.

Ouvir, ouvir os sons que nos rodeiam. Seguir os sons que constroem essa paisagem não existente. Os passos, as folhas pisadas, os ramos partidos, o som do vento que reinventa as árvores, a chuva que alarga o espaço. Os sons da cidade que envolvem essa paisagem e lhe dá corpo.

E o medo!!! O medo do passo seguinte, do abismo, o abismo está ali? O medo do outro. Haverá o outro? Vigia-nos? Segue-nos? Surpreende-nos? Ou o medo do outro será maior que o meu? Ou o outro pura e simplesmente não existe. Só existo eu nesta paisagem que não vejo e que espera pela madrugada para nascer.

L. S. O Claro que a paisagem existe quando dormes, porque embora estejas a dormir ainda existes - ou outro existe por ti. Há sempre alguém, um sujeito que pensa sobre a paisagem, que a vê. Suponho que quando falas da importância do Ver é à presença desse sujeito que te referes, ou seja, quem vê fá-lo porque tem um corpo, dotado de sentidos - o tacto, mas também o olfacto ou o equilíbrio (ai o abismo!) que dá sentido a tudo o que te rodeia.

Se por uma hipótese puramente abstracta não existisse sujeito, o mundo seria um imenso vazio de sentido. Sei que estou a centrar todo o conhecimento no sujeito, mas faço-o propositadamente. Transpondo esta linha de pensamento para o particular, és tu que dás sentido às ervas que te rodeiam na Tapada da Ajuda, aos sons da noite enquanto filmas a escuridão dessa natureza recriada para fins de estudo e deleite (!). O som dos carros que atravessam a Ponte enquanto tudo parece

mergulhado na calma da noite são também uma ilustração daquilo que tento dizer.

Recordo-me da história que me contaste sobre o dia em que estavas na Índia e quiseste deitar pigmento nas poças de água de um rio - seria o Ganges? Foste interpelada de um modo bastante incisivo pelas pessoas que ali moravam, e que provavelmente davam o seu sentido cultural àquele rio. Para eles, estavas a introduzir um elemento de inquietação nessa leitura, e daí a questão que te colocaram. Ou a outra história, das folhas de papel molhadas na água, em que o barqueiro compreendeu o que tu querias fazer e remava por sua iniciativa para os lugares onde o rio tinha mais resíduos. Penso que ele compreendeu o teu olhar...

*Luísa Soares de Oliveira  
Cristina Ataíde*